

alameda

ARQUEOLOGIA | PATRIMÔNIO | HISTÓRIA LOCAL

ISSN 2182-7265

online

#22 (tomo 2) Jul. 2018

ROTEIRO MEGALÍTICO DE AVIS

gestão e valorização
de sítios e monumentos
arqueológicos

Trajectos matrizes
em estruturas territoriais
e urbanas antigas

Questões de género
na Arqueologia portuguesa

Topónimos da Vila do Torrão,
de meados do século XV



CAA

Centro de Arqueologia de Almada



Capa | Jorge Raposo

Composição sobre imagem da anta Olival da Anta, um dos monumentos megalíticos do Município de Avis.

Foto © Ana Cristina Ribeiro, Câmara Municipal de Avis.

Al-Madan
online

II Série, n.º 22, tomo 2, Julho 2018

Proprietário e Editor |

Centro de Arqueologia de Almada,
Apartado 603 EC Pragal,
2801-601 Almada Portugal

NIPC | 501 073 566

Sede | Travessa Luís Teotónio
Pereira, Cova da Piedade,
2805-187 Almada

Telefone | 212 766 975

E-mail | c.arqueo.alm@gmail.com

Internet | www.almadan.publ.pt

ISSN | 2182-7265

Estatuto editorial |
www.almadan.publ.pt

Distribuição | <http://lissuu.com/almadan>

Patrocínio | Câmara M. de Almada

Parceria | ArqueoHoje - Conservação
e Restauro do Património
Monumental, Ld.^a

Apoio | Neoépica, Ld.^a

Director | Jorge Raposo
(director.almadan@gmail.com)

Publicidade | Centro de Arqueologia
de Almada (c.arqueo.alm@gmail.com)

Conselho Científico |
Amílcar Guerra, António Nabais,
Luís Raposo, Carlos Marques da Silva
e Carlos Tavares da Silva

Redacção | Centro de Arqueologia de
Almada (sede): Vanessa Dias,
Ana Luísa Duarte, Elisabete
Gonçalves e Francisco Silva

Resumos | Jorge Raposo (português),
Luisa Pinho (inglês) e Maria Isabel dos
Santos (francês)

**Modelo gráfico, tratamento de imagem
e paginação electrónica |** Jorge Raposo

Revisão | Elisabete Gonçalves,
Fernanda Lourenço e Sónia Tchissole

Colaboram neste número |
Sara Brito, Jacinta Bugalhão, Mafalda
Capela, Guilherme de Jesus P. Cardoso,
João Luís Cardoso, Alexandre Carrançã,

António Rafael Carvalho, Liliana
Carvalho, Ana Rosa Cruz, Vitor Durão,
José d'Encarnação, José da Silva
Ferreira, Maria Teresa Ferreira, Silvério
Figueiredo, Miguel Lago, Eva Maria
F. Leitão, Sebastião L. de Lima Filho,
António Marques, Sérgio Monteiro-
Rodrigues, Andreia Moreira, Maria
João Neves, Susana Nunes, Franklin
Pereira, Silvina Pereira, Paula Queiroz,
Ana Cristina Ribeiro, Carla Ribeiro,
Morgana Cavalcante Ribeiro, Maria

Jorge Raposo

de Jesus Sanches, João Luís Sequeira,
Miguel Serra, Armando Coelho F.
da Silva, Rodrigo Banha da Silva, Sara
Simões, Fábio Soares, Cátia Teixeira,
Ana Vale, Marco Valente, Carlos Vítor
D. D. Vasques e Sofia N. Wasterlain.

Os conteúdos editoriais da *Al-Madan Online*
não seguem o Acordo Ortográfico de 1990.
No entanto, a revista respeita a vontade dos
autores, incluindo nas suas páginas tanto
artigos que partilham a opção do editor
como aqueles que aplicam o dito Acordo.

Este novo tomo da *Al-Madan Online* abre com um merecido destaque ao Património arqueológico megalítico do Município de Avis. Um vasto conjunto de monumentos funerários, erguidos pelas comunidades que aí viveram entre o 5.º e o 3.º milénios a.C., ainda hoje marca a paisagem e justifica estratégias sustentadas de gestão, valorização e promoção que articulem o seu importante valor científico com as não menos relevantes valências culturais e turísticas. Um processo a seguir e, principalmente, a fruir através das múltiplas ofertas de roteiros de visita.

A Arqueologia de campo está presente através dos resultados de intervenção realizada no centro histórico de Pinhel, em níveis de necrópole medieval-moderna que propiciaram a análise antropológica dos indivíduos aí inumados, e ainda de trabalho que ilustra as potencialidades abertas ao estudo da arte rupestre pelas novas tecnologias digitais, exemplificando com a sua aplicação à denominada “Pedra da Lua”, na serra do Caldeirão (Almodôvar). Correspondendo ao crescente interesse que desperta em leitores desse país lusófono, a *Al-Madan Online* dá também espaço à Arqueologia brasileira, publicando uma investigação sobre estruturas murárias ligadas à ocupação colonial da zona centro-norte da Baía na transição dos séculos XIX-XX.

Outros estudos retomam problemáticas portuguesas. O primeiro incide sobre trajectos matrizes da área de Lisboa e analisa o seu papel no desenvolvimento e consolidação das urbes antigas de Odivelas, da Graça, da Colina do Castelo e da Frente de Alfama; um segundo parte das magníficas ilustrações de uma publicação alemã dos finais do século XVIII para avivar a memória das grutas ou cavidades naturais existentes no vale de Alcântara, entretanto desaparecidas devido à extracção intensiva de pedra calcária; um terceiro tece considerações sobre contextos e práticas funerárias neolíticas identificadas entre os estuários dos rios Âncora e Lima; um quarto sistematiza a análise iconográfica de um cofre em marfim profusamente decorado, executado em Paris no século XIV, e contextualiza-o na arte parisiense e luso-oriental da época; um último reflecte sobre a experiência de encenar peças de repertório clássico nas ruínas do Teatro Romano de Lisboa, nomeadamente *A Paz* de Aristófanes, em 2016, e *O Misanthropo* de Menandro, em 2017.

Um texto de opinião aborda as novidades da Lisboa romana, outro as questões de género na Arqueologia profissional portuguesa, e outro ainda enfatiza a pertinência da Arqueologia de “cota positiva”, particularmente em contextos industriais. O Património cultural, em sentido amplo, está representado por análise documental que enriquece o conhecimento da toponímia da zona do Torrão (Alcácer do Sal) no século XV, e por recolha oral junto de Jorge Augusto, um operário e original criador artístico da zona do Porto. Por fim, há ainda uma crónica estimulante e diversificado noticiário arqueológico, sobre livros, revistas e eventos científicos recentes, terminando com uma agenda dos que estão publicitados para os próximos meses. Como sempre... votos de boas leituras!

EDITORIAL ...3 ▶

CRÓNICAS

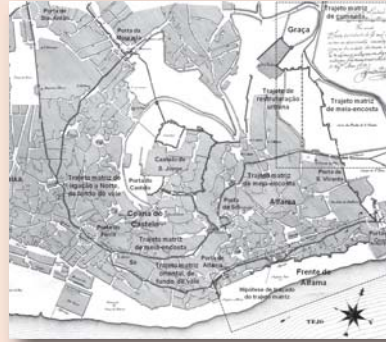
Copiar, Colar e... Omitir! | José d'Encarnação...6 ▶



ARQUEOLOGIA



Entre Pedras e Pedrinhas: construção de um roteiro megalítico de Avis | Ana Cristina Ribeiro...8 ▶



Trajeto Matriz. Análise de trajetos matrizes em estruturas territoriais e urbanas antigas da área de Lisboa: Odivelas, Graça, Colina do Castelo e Frente de Alfama | Vitor Durão...47 ▶

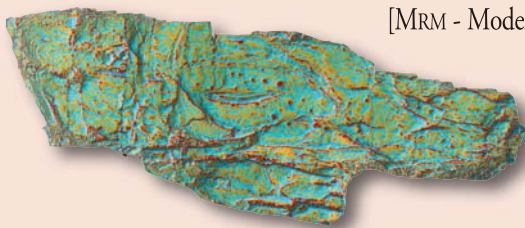


As Grutas do Vale de Alcântara | Eva Maria F. Leitão, Carlos Vítor D. D. Vasques e Guilherme de Jesus P. Cardoso...58 ▶

Intervenção Arqueológica no Centro Histórico de Pinhel (Guarda): resultados arqueológicos e paleobiológicos | Susana Nunes, Carla Ribeiro, Maria João Neves, Sofia N. Wasterlain e Maria Teresa Ferreira...18 ▶



Pedra da Lua (Serra do Caldeirão, Almodôvar): uma redescoberta à luz das novas tecnologias [MRM - Modelo de Resíduo Morfológico] | Marco Valente...26 ▶



Contextos e Práticas Funerárias Neolíticas Entre os Estuários do Âncora e do Lima (Noroeste de Portugal): algumas considerações | Fábio Soares...72 ▶

ARQUEOLOGIA BRASILEIRA

A História Que Resiste: um estudo de caso acerca de remanescentes históricos edificados no Centro Norte Baiano (Brasil) | Morgana Cavalcante Ribeiro e Sebastião Lacerda de Lima Filho...34 ▶



Cofre em Marfim Parisiense do Século XIV: análise iconográfica e contextualização portuguesa | Cátia Teixeira...85 ▶

ESTUDOS CLÁSSICOS



O Misanthropo no Teatro Romano de Lisboa: quando a criação artística se encontra com a investigação académica | Silvína Pereira...93 ▶

OPINIÃO



As Ruínas da Lisboa Romana | José d'Encarnação...107 ▶

Questões de Género em Contexto Laboral em Arqueologia: breves notas | Sara Simões, Sara Brito, Lílíana Carvalho, Jacinta Bugalhão e Andreia Moreira...111 ▶



PATRIMÓNIO

Topónimos da Vila do Torrão, de Meados do Século XV: segundo um documento de administração de uma Capela sediada na Igreja Matriz | António Rafael Carvalho...117 ▶



E Algumas Coisas Que Não Deveriam Ter Sido Esquecidas, Foram Perdidas | João Luís Sequeira...114 ▶



NOTICIÁRIO ARQUEOLÓGICO

Localização do Balneário Castrejo Atribuído ao Castro de Eiras / Aboim das Choças (Arcos de Valdevez) | José da Silva Ferreira e Armando Coelho F. da Silva...136 ▶

Frutos de Roseira na Urna Funerária do *Tumulus* 1 do Souto (Abrantes, Portugal) | Paula Queiroz e Ana Rosa Cruz...138 ▶

Petição Pela Defesa do Património Arqueológico Nacional | Marco Valente...141 ▶

Comissão de Arqueologia Profissional da Associação dos Arqueólogos Portugueses | Rodrigo Banha da Silva, Miguel Lago e Jacinta Bugalhão...142 ▶

EVENTOS

X Jornadas de Jovens em Investigação Arqueológica | Cátia Teixeira...151 ▶

II Encontro de Arqueologia de Lisboa | António Marques...153 ▶

Colóquio Anual da ERA Arqueologia | Mafalda Capela...155 ▶

ARQUEOCIÊNCIAS 2018. Da matéria-prima ao artefacto: algumas notas | Ana Vale, Sérgio Monteiro-Rodrigues e Maria de Jesus Sanches...158 ▶

O II Congresso Internacional As Aves: evolução, paleontologia, arqueozoologia, artes e ambientes | Silvério Figueiredo e Alexandre Carrança...161 ▶

Arqueologia, Museu(s) e Comunidade(s): arqueologia comunitária e museologia comunitária | Miguel Serra...162 ▶
Agenda...165 ▶



Arte Não-Académica, Arte Popular, Arte Bruta: as criações de Jorge Augusto | Franklin Pereira...127 ▶

LIVROS & REVISTAS

Actas do Primeiro Encontro de Arqueologia de Lisboa | João Luís Cardoso...144 ▶

Caetobriga. O Sítio Arqueológico da Casa dos Mosaicos: recensão de uma obra fundamental | João Luís Cardoso...147 ▶
Novidades...150 ▶

Actas do Primeiro Encontro de Arqueologia de Lisboa

João Luís Cardoso ¹

¹ Professor Catedrático da Universidade Aberta. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras).

Por opção do autor, o texto não segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

Nota prévia

No dia 24 de Novembro de 2017, teve lugar na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, integrada no II Congresso de Arqueologia da Associação dos Arqueólogos Portugueses, a apresentação das *Actas do 1.º Encontro de Arqueologia de Lisboa*, promovido pelo Centro de Arqueologia de Lisboa (Câmara Municipal de Lisboa). Tendo o signatário sido convidado pelo Coordenador do referido Centro, Dr. António Marques, para apresentar as actas daquele encontro, foi elaborado o texto que agora se publica.

O I Encontro de Arqueologia de Lisboa teve lugar no Teatro Aberto, em Lisboa, entre 26 a 28 de Novembro de 2015, já há uns longínquos dois anos, pois que, desde então, muitas e novas descobertas se fizeram, e outros contributos foram entretanto apresentados publicamente, entre eles na revista digital *Rossio*, editada pela Câmara Municipal de Lisboa (CML) / Gabinete de Estudos Orlisiponenses. Em algumas dessas reuniões científicas, teve o Centro de Arqueologia de Lisboa (CAL) papel incontornável, como foi o caso do Colóquio dedicado à Alimentação com base nos vestígios materiais e nas provas documentais relativos a Lisboa, antes e depois desta área ser nome de Cidade, cujas actas correspondem ao primeiro número da colecção *Fragmentos de Arqueologia de Lisboa*, editado já no decurso do corrente ano em parceria com a Sociedade de Geografia de Lisboa (SGL), secção de Arqueologia. E já em 2017 foram realizadas, também em parceria com a referida secção de Arqueologia da SGL duas outras oportunas reuniões científicas, uma sobre a história viária da Cidade através dos tempos, outra com o título propositadamente polémico “Depósitos arqueológicos: património ou lixo?”, visando encontrar soluções para a crescente dificuldade de armazenamento dos espólios arqueológicos com que o CAL já se defronta, em resultado das centenas de intervenções que se desenvolvem anualmente no subsolo da cidade: só em 2014 foram deferidos 245 pedidos de autorização de intervenções arqueológicas...

Assim se tem afirmado paulatinamente o CAL, por obras feitas e iniciativas concretizadas no

curto espaço da sua existência, e não através de simples processos de intenções. Ao contrário: os resultados até agora obtidos só foram possíveis respeitando princípios e estratégias de actuação previamente delineadas, longe da tão comum actuação por simples reacção aos acontecimentos. Claro que nem tudo pode ser previsto, e é prova de clarividência deixar margem de manobra às soluções ditadas pela própria evolução dos acontecimentos...

Integrado no Departamento de Património Cultural da CML, o CAL, cujas competências e atribuições são diariamente afirmadas pelas acções de âmbito arqueológico em que é chamado a apoiar e a participar, tem contribuído de forma incontornável para o devido enquadramento da actividade arqueológica nos instrumentos de planeamento e gestão urbanística da autarquia. Assim se confirmou, para além das directivas emanadas da DGPC, uma actuação independente, de acordo com critérios estabelecidos internamente, reveladores de um pensamento próprio, que importa reforçar e aperfeiçoar, em resultado da experiência acumulada.

Fundado em 2013, a cuja inauguração despreziosa, como são todas aquelas a que vale a pena assistir, compareci, o seu enquadramento no Regulamento Orgânico da CML é o resultado da crescente visibilidade que a Arqueologia assume no quotidiano da Cidade.

Estou certo de que está presente no espírito de todos os que trabalham no CAL a necessidade de aprofundamento das colaborações com outros serviços da Autarquia, que é a forma mais segura

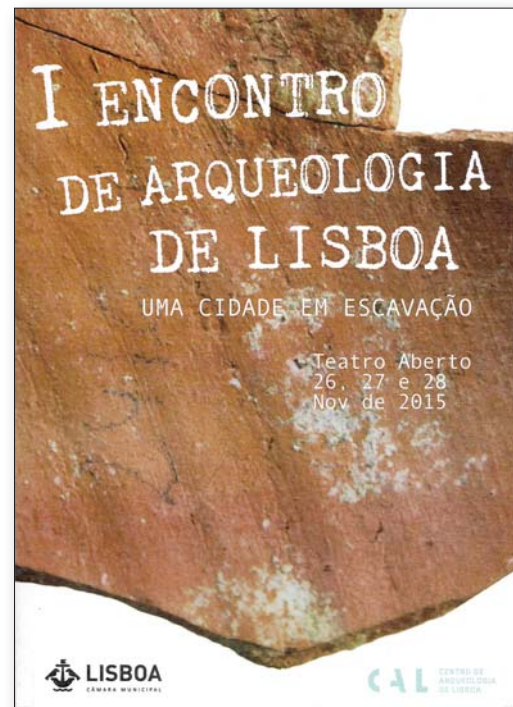


FIG. 1 – Capa de *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: uma cidade em escavação*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa / Centro de Arqueologia de Lisboa.

de garantir os avanços já conseguidos. Ao mesmo tempo, é indispensável incentivar as colaborações externas, não só com os seus parceiros naturais, os arqueólogos que diariamente intervêm no subsolo da Cidade, mas também com todos os interessados em auferir de informações diversas, incluindo as relativas a trabalhos académicos, sejam municipais ou não, pois o sucesso e a visibilidade dessa frente externa reforçará a razão de ser de um serviço como este, cuja diversidade de respostas importa garantir, em função das solicitações recebidas.

Nesta fundamental prática de proximidade de um centro de Arqueologia autárquico às populações, merece destaque o programa “Arqueologia no Bairro”. Trata-se de iniciativa em que tive o gosto de colaborar, e que se afigura extremamente interessante, por providenciar adequada resposta à queixa frequente, por parte dos municípios, da muitas vezes infundada falta de informação genérica.

É na concretização deste objectivo que os Encontros de Arqueologia de Lisboa adquirem uma das suas mais importantes razões de existência. Tais Encontros, ao terem assinalável diversidade de destinatários, todos eles interessados em aprofundarem os seus conhecimentos sobre o passado

histórico da cidade, contribuem não só para o aumento do conhecimento científico sobre a urbe, mas também para a formação cívica e cultural dos próprios munícipes, independentemente da sua idade, a par da cabal salvaguarda patrimonial e consequente fruição dos vestígios postos a descoberto, constituindo-se assim em pólos identitários dos espaços hoje por nós habitados.

Os arqueólogos tornam-se, assim, participantes activos da requalificação dos espaços urbanos em que intervieram, por via das novas valências por estes oferecidos; longe vão os tempos, paradoxalmente ainda tão próximos, em que eram considerados inimigos públicos de um certo desenvolvimento e progresso!

As actas deste I Encontro contemplaram uma edição em papel apenas para o *Livro de Resumos*; desde já se incentivam os responsáveis a estender essa solução às actas dos próximos Encontros, pois a CML só sairia beneficiada desse investimento, insignificante para as suas finanças e, aliás, amplamente justificado. De facto, fica-se rendido pelo interesse e qualidade científica da generalidade dos contributos, expressivos das transformações da vida cidadina ao longo dos tempos, e entusiasmado pela própria evolução da prática arqueológica em meio urbano, que há apenas duas décadas era protagonizada por pouco mais de meia dúzia de colegas, entre os quais me incluo.

Na organização do volume foram identificadas três áreas temáticas, nas quais se integraram as comunicações, sendo certa a dificuldade, sentida amiúde, de situar algumas delas dentro daquele critério, sublinhando a riqueza e diversidade das realidades abordadas.

A primeira temática, “A Ocupação do Território do Município de Lisboa”, integrou cinco comunicações de diversa índole. A síntese crítica apresentada em uma delas sobre a actuação ao nível da Arqueologia da Cidade merece ponderada reflexão. As fragilidades enunciadas podem situar-se em três planos distintos: uma acção mais reactiva do que predictiva; a falta de coordenação da informação; e a evidente dificuldade em valorizar os resultados no conhecimento histórico da urbe e, conseqüentemente, na sua potenciação como novos valores patrimoniais. Estou certo que tais fragilidades são do perfeito conhecimento dos responsáveis. A prova evidente disso é a própria realização destes Encontros e a publicação das respectivas actas, que, a par de outras iniciativas, respondem cabalmente a algumas das observações expendidas naquele balanço, talvez excessivamente crítico.



FIG. 2 – Sessão de apresentação da obra. Na mesa, o autor desta notícia acompanhado do Coordenador do CAL, Dr. António Marques.

As restantes comunicações caracterizam-se por assinalável diacronia e todas elas se revestem de novidade. Pela dimensão dos vestígios estruturais postos a descoberto, merece destaque a intervenção da Travessa das Dores, onde se revelou um dispositivo defensivo atribuído ao Neolítico Final, que integra um fosso escavado no substrato geológico, o primeiro no seu género identificado a norte do Tejo. Esperemos que as futuras escavações previstas para área adjacente possam fornecer mais elementos sobre o traçado em planta desta estrutura, associada a importante sequência estratigráfica e a conjunto artefactual de excepcional riqueza, que faz desde já da Travessa das Dores o sítio pré-histórico mais importante dos até agora identificados no concelho de Lisboa.

A segunda área temática, “A Cidade Manufactureira e Industrial”, integra sete comunicações, das quais cinco relativas à Época Moderna. Apenas uma se refere à identificação de tanques de Época Romana, de funcionalidade pouco evidente, e outra à Época Contemporânea. Esta constitui síntese de evidente interesse, abordando o património construído de natureza manufactureira e industrial, instalado em certas áreas periféricas em torno da Cidade a partir de meados do século XIX, a que se sucedeu, desde a década de 1950, a construção de unidades industriais pouco poluentes em edifícios qualificados no interior da própria Cidade. Trata-se, pois, de um percurso patrimonial que vem até à actualidade, e que, para ser compreendido na sua plenitude, deve atender às realidades sociais e culturais às quais está associado, nalguns casos ainda caracterizáveis.

As restantes comunicações debruçam-se sobre realidades materiais mais específicas, ao nível do objecto arqueológico. Neste aspecto, é de referir o interesse de outra síntese, desta feita respeitante a proposta de classificação tipológica das produções oleiras de Lisboa, na Época Moderna. Tratando-se de uma primeira proposta, com incidências também cronológicas e na própria fixação da terminologia. Aguardam-se com o maior interesse futuros desenvolvimentos deste projecto.

A terceira e última área temática, “A Arqueologia dos Espaços, a Identidade e a Fisionomia da Cidade”, é a que integra maior número de comunicações: nada menos de 19, repartidas por uma assinalável diversidade cronológica, desde a Época Romana aos finais da Época Moderna. O conhecimento da evolução da malha urbana da cidade e das funcionalidades dos respectivos espaços foi abordado em diversas comunicações, uma delas relativa à identificação de um conjunto termal de Época Romana às Portas de Alfama, e duas outras atinentes à caracterização de diversos panos de muralhas dos sucessivos dispositivos defensivos que, desde a Época Romana Republicana até à construção da Cerca Fernandina, asseguraram a defesa da cidade.

Por outro lado, o conhecimento das próprias populações exprime-se em outro contributo onde se caracteriza a dieta alimentar da comunidade islâmica que habitou Alfama. E as vivências domésticas de algumas delas foram vislumbradas pelos próprios artefactos recuperados, que nalguns casos reflectem a presença em espaços privados ou públicos por longos períodos de tempo. É o

caso das intervenções na Casa dos Bicos e na Casa da Severa, que proporcionaram o registo de sucessivas ocupações entre os séculos XII e XVI; e a intervenção no que seria o antigo Largo do Pelourinho, que forneceu espólios situados entre os séculos XIII e XVII. Em qualquer caso, foram os objectos do quotidiano que permitiram estabelecer balizas cronológicas para as referidas presenças, conferindo uma nova dimensão diacrónica à ocupação da Cidade, insuspeita até há bem pouco tempo.

De referir, ainda, os espólios recolhidos num poço do antigo Hospital Real de Todos-os-Santos, que permitiram também recuperar um pouco da vida quotidiana daquela casa comunitária, bem como os fragmentos de cerâmica chinesa de exportação que fazia parte das mesas das casas abastadas da Lisboa setecentista, recuperadas no Terreiro do Paço em um contexto pré-terramoto, onde tais fragmentos eram exclusivos. Será que correspondiam a produtos rejeitados, ali descarregados directamente dos navios fundeados no Tejo?

Em qualquer caso, tais espólios, directamente relacionados com o comércio transoceânico, têm o seu equivalente directo nos temas das três últimas comunicações deste conjunto, que abordam a identificação arqueológica de navios afundados e de estruturas outrora existentes na frente ribeirinha, e sublinham a importância deste tipo de estudos numa cidade como Lisboa, conduzindo por vezes a resultados espectaculares. É o caso da síntese sobre os restos de embarcações da Época Moderna identificados em diversos locais ao longo da margem do Tejo: Cais do Sodré, Largo do Corpo Santo e Boa Vista, para além de materiais reaproveitados de outras embarcações em obras em terra, com interesse tanto no conhecimento da actividade portuária, como no da caracterização da tecnologia naval e respectiva cronologia. A caracterização do antigo baluarte do século XVII que a iconografia da época situa no centro do Terreiro do Paço, agora de novo localizado em resultado das obras ali efectuadas, é o objecto da comunicação seguinte. A comunicação que fecha esta série é dedicada à rampa de acesso à água utilizada para o transporte para bordo dos navios fundeados no Tejo do cordame, cabos e outros aprestos navais fabricados na Cordoaria. Tal rampa, foi concluída no reinado de D. Maria I e recentemente de novo localizada, no âmbito dos trabalhos arqueológicos efectuados.



Foto: Guilherme Cardoso.

FIG. 3 – Aspecto parcial da assistência no decurso da apresentação da obra.

Algumas conclusões, a terminar

Apesar de algumas comunicações se centrarem no estudo de estruturas arqueológicas, incluindo embarcações, a maioria resultaram do estudo de materiais arqueológicos recolhidos em intervenções de carácter preventivo obrigatório, realizadas quer por empresas de Arqueologia, parceiras incontornáveis na moderna Arqueologia urbana e especialmente da Cidade de Lisboa, quer por entidades oficiais, como o próprio CAL ou a DGPC, no exercício das suas competências e atribuições. É de sublinhar a recuperação de tais espólios, em termos científicos, através do seu respectivo estudo e publicação, contrariando a possibilidade de ficarem, por muitos anos, em contentores, perdendo a oportunidade de serem devidamente conhecidos. Bastaria essa razão, de carácter essencialmente científico, para justificar plenamente a edição destas actas, precioso repositório de um património inesgotável.

Foram identificadas três vias distintas no respeitante à realização dos artigos:

1. A publicação dos dados pelos próprios autores das escavações, sejam eles arqueólogos integrados em empresas de Arqueologia ou em entidades oficiais, como o CAL ou a DGPC;
2. A parceria dos autores das escavações com outros colegas, especialistas em áreas específicas a que respeitam os estudos dos espólios;
3. A publicação de espólios recolhidos por outros arqueólogos que não os responsáveis pelas escavações.

Em qualquer dos casos, a realidade mostra uma prática de carácter profissional e pragmática, adoptando-se a melhor solução face aos resultados pretendidos, no caso a publicação dos espólios.

Longe parecem já os tempos da competição espúria, pois a realidade tem-se encarregado de demonstrar que, em Arqueologia como em qualquer outro ramo do saber, a cooperação produz mais e melhores resultados que a simples competição. A eficácia das soluções de publicação encontradas reflecte-se, também, no curto espaço que medeia entre a escavação e a publicação, como se conclui pelos contributos que integram o volume ora apresentado, que, na sua quase totalidade, respeita a intervenções realizadas recentemente na Cidade. Claro que existem, e existirão por muitos anos, questões a que ainda falta dar a melhor solução, designadamente a musealização *in situ*, ao menos parcial, de alguns dos vestígios encontrados, especialmente arquitectónicos, decorrente de um compromisso entre os diversos intervenientes que importa aprofundar (e, neste caso, o CAL tem certamente uma palavra a dizer). É o que sucede com estruturas arqueológicas de interesse excepcional susceptíveis de justificar a sua conservação integral *in situ*, opção que deveria ser seriamente ponderada em certos casos, ainda que com prejuízo dos respectivos projectos arquitectónicos ou urbanísticos inicialmente previstos, até pelo potencial museológico, cultural e turístico que a exposição condigna de tais restos propiciaria a curto prazo, dignificando o espaço urbano onde se inserem. Em suma, as actas do I Encontro de Arqueologia de Lisboa serão, seguramente, um referencial por muitos anos, pedra angular de uma etapa da investigação arqueológica da Cidade, e, pelas informações que contêm, um repositório de consulta incontornável, augúrio de êxito seguro aos próximos Encontros de Arqueologia de Lisboa. ✎

almada online

[<http://www.almadan.publ.pt>]

[<http://issuu.com/almadan>]

uma edição



CAA

Centro de Arqueologia de Almada

[<http://www.caa.org.pt>]

[<http://www.facebook.com>]

[c.arqueo.alm@gmail.com]

[212 766 975 | 967 354 861]

[travessa luis teotónio pereira, cova da piedade, almada]